

# **Memórias do trabalho e das migrações na indústria têxtil (anos 1960-70). O caso da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães**

Este artigo insere-se no projeto *Das capitais do têxtil às capitais da cultura: classes, património e (i)mobilidades no contexto Guimarães-Lille*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/116838/2016) e desenvolvido no âmbito de Doutoramento em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-NOVA), orientado por Paula Godinho (FCSH-NOVA, IHC) e co-orientado por José Manuel Lopes Cordeiro (ICS, UMinho) e Florence Hachez-Leroy (CRH-EHESS, França)

Mariana Rei  
(IHC NOVA / CRH EHESS)  
mariana.rei@campus.fsh.unl.pt



## Introdução

A emigração é um fenómeno historicamente incontornável na sociedade portuguesa, em particular no norte do país, rural e densamente povoado. Neste contexto situa-se o concelho de Guimarães, no coração do Vale do Ave, região onde, desde meados do século XIX, se implantou a indústria têxtil. Em S. João de Ponte, a antiga Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães marcou longamente as trajetórias profissionais e migratórias das famílias que aqui habitam, em particular no lugar de Campelos, onde se implantou a fábrica. O trabalho têxtil sucedeu-se, aqui, ao longo de várias gerações, inserindo-se numa complexa teia de redes e relações sociais locais, que se reflete também nos destinos migratórios.

Considera-se aqui a análise dos percursos de vida destes operários-migrantes do têxtil atendendo ao tempo longo, ou seja, à presença do têxtil e das migrações ao longo das suas histórias de vida e de família. Atenta-se também, mais detalhadamente, ao fluxo migratório dos anos 1960, olhando simultaneamente a montante e a jusante, considerando tanto o contexto de partida, em particular as ambiguidades relacionadas com o desenvolvimento de um meio industrial num território longamente marcado pela ruralidade; como o destino migratório, ligado a uma especialização no setor têxtil que assume algumas particularidades em relação ao contexto parisiense.

As reflexões que aqui se apresentam decorrem de uma pesquisa de doutoramento em antropologia em curso, centrada nas memórias do trabalho e das migrações na indústria têxtil em algumas freguesias envolventes à antiga Companhia, em Campelos, em direção a Roubaix e Tourcoing, no norte de França, durante as décadas de 1960 e 1970. Este artigo tem como objetivo principal enquadrar o tema, contexto e população em estudo, mediante uma abordagem exploratória do trabalho de campo e pesquisa iniciada em junho de 2017, numa fase em que ainda se encontra por desenvolver a análise sistemática do material recolhido.

Começo por enquadrar brevemente a temática da pesquisa, refletindo sobre a forma como as ciências sociais têm olhado para as classes trabalhadoras e a emigração no noroeste português, particularmente perante as transformações que a sociedade portuguesa e as próprias ciências sociais atravessam durante o período em estudo. De seguida, esboço uma primeira caracterização do contexto em estudo atendendo ao tempo longo (desde a implantação da Companhia em Campelos) e à relação com os temas em análise – a indústria e as migrações. Artigo, para isso, a revisão de literatura com informações recolhidas no terreno. Numa segunda parte, procuro apresentar de forma sintética e exploratória alguns aspetos relativos aos percursos profissionais e migratórios de diferentes grupos socioeconómicos relevantes no terreno, a partir da recolha de histórias de vida e sobretudo de um levantamento de utentes realizado em janeiro de 2018 no Centro de Dia da freguesia. Concluo, por fim, com algumas notas finais.

## A emigração e a indústria no estudo das classes sociais no noroeste português<sup>1</sup>

### *a) Os trabalhos precursores num mundo rural em transformação (anos 1960-80)*

A emigração é um fenómeno central no estudo das classes sociais em Portugal. Embora esta seja uma articulação pouco estudada, conforme assinala Manuel Villaverde Cabral na entrada do *Dicionário da História de Portugal* sobre classes sociais (2000), ela é particularmente relevante no contexto português. O facto de em Portugal o êxodo rural se ter dado, em grande medida, diretamente para o estrangeiro dificultou, segundo Villaverde Cabral, a constituição de centros urbanos de média dimensão no país, introduzindo algumas particularidades ao nível da formação, atitudes e comportamentos das classes sociais neste contexto (2000, 330).

Já Hermínio Martins, precursor no estudo das classes sociais em Portugal, sublinhava a importância da sua articulação com a questão da emigração no estudo da sociedade portuguesa (1998). O autor assinala a emigração como o “mecanismo compensatório” mais importante da “classe baixa” em Portugal – em particular do campesinato, ao qual se encontra historicamente associada. A emigração representa então, neste contexto, o “horizonte normal de expectativas sociais”, detendo uma “função estabilizadora” a vários níveis. Entre os quais, no que designa de “estrutura de consciência social”, que caracteriza não como utópica, “mas heterotópica, orientada para “algures”, uma estrutura extranacional de oportunidades substituta” (Martins 1998, 127).

Algumas das principais investigações antropológicas sobre a emigração em Portugal centram-se, precisamente, no Norte, nas sociedades camponesas do Alto Minho e Gerês (Callier-Boisvert 1999; Pina Cabral 1989; Goldey 1981, 1983a, 1983b; Brettell 1991) e de Trás-os-Montes (O'Neill 1984; Brito 1996; Godinho 2006)<sup>2</sup>. Trata-se de obras que decorrem de pesquisas desenvolvidas nos anos 1960 (no caso de Callier-Boisvert) e, sobretudo, nos anos 1970 e 80, por antropólogos que estudavam no estrangeiro e, a partir dos anos 1990, pelas primeiras gerações de antropólogos formados em departamentos de antropologia em Portugal, neste caso o ISCTE e a FCSH / UNL, em Lisboa (Pina Cabral 2018, 21). Estas obras surgem numa altura de profunda transformação da sociedade portuguesa e da própria antropologia, nomeadamente do seu olhar sobre a ruralidade, cujo expoente foi a exposição “O Voo do Arado”, organizada em 1996 no Museu Nacional de Etnologia (Brito, Batista, e Pereira 1996).

Paula Godinho tem-se debruçado longamente sobre estas transformações na fronteira entre Trás-os-Montes e a Galiza, recentemente também a partir do trabalho feminino na confeção (2017a), fruto do seu trabalho de campo continuado neste contexto desde os anos 1980. A antropóloga destaca, em particular, as transformações introduzidas pelas migrações dos anos 1960-70, ao nível da desestruturação do trabalho familiar em torno da agricultura; a posterior rearticulação da vida local nos anos 1990-2000, no caso dos homens sobretudo em torno do trabalho na construção civil, e das mulheres no pronto-a-vestir; e mais recentemente o fecho de fábricas de confeção (Godinho 2017b).

Alguns destes antropólogos integraram o designado “Grupo do Noroeste”, que contou com investigadores de diferentes áreas disciplinares, designadamente Caroline Brettell, João de Pina Cabral, Sally Cole, João Arriscado Nunes, Rui Feijó e Elizabeth Reis (ver, entre outros, Pina Cabral et al. 1987; Pina Cabral 1993; Brettell e Feijó 1991; Brettell 1990, 1989). Conforme refere José Manuel Sobral, o interesse pela sociedade camponesa e pelo Norte do país neste período foi partilhado também por historiadores e sociólogos (2007). No âmbito da história económica e social e da demografia histórica surgiram trabalhos centrados na sociedade rural e na família, sobretudo no Alto Minho, em períodos históricos anteriores (ver, entre outros, Brandão e Rowland 1980; Brandão 1994, 1991;

<sup>1</sup> Não se pretende fazer aqui uma apresentação exaustiva de todos os estudos desenvolvidos sobre emigração e indústria no Vale do Ave, mas apenas apresentar alguns dos seus contributos e linhas gerais que enquadram esta pesquisa.

<sup>2</sup> Tal como refere João Baía (2016), embora a emigração não se constitua como o assunto central em algumas destas obras, sobretudo no caso Trás-os-Montes, esta acaba por ser transversal e incontornável em todas elas.

Brandão e Feijó 1984; Feijó e Nunes 1986). Entre os trabalhos subsequentes, destaca-se particularmente o grupo ligado ao Mestrado em História das Populações e ao Núcleo de Estudos de População e Sociedade (NEPS) da Universidade do Minho, coordenado por Maria Norberta Amorim – e no qual colaboraram, entre outros, Robert Rowland, Elizabeth Reis e Jorge Fernandes Alves (Maria Norberta Amorim e Neves 1998). Deste Mestrado resultaram várias monografias próximas do trabalho de Norberta Amorim em torno das histórias de família, a partir do método genealógico e de reconstituição de paróquias, algumas abordando as temáticas da emigração e/ou indústria nos contextos em estudo (M. Monteiro 2000; Salgado 1998; Sarmento 1997).

No estudo articulado entre emigração e classes sociais no noroeste português, destaca-se ainda um terceiro corpus de estudos ligado à sociologia. Em particular os trabalhos pioneiros de João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, concluídos no início dos anos 1980, sobre a freguesia de Fonte Arcada, Penafiel (Vale do Sousa), a partir da sociologia das classes sociais e da sociologia rural (Pinto e Almeida 1980; Pinto 1985; Almeida 1980, 1986). Estas foram as duas primeiras teses de doutoramento em sociologia defendidas em Portugal, no ISCTE. Na segunda metade dos anos 1980, Karin Wall desenvolve trabalho de campo junto de famílias camponesas em duas freguesias “semi-industrializadas” do concelho de Vila Nova de Famalicão, no âmbito da sua tese, centrada na sociologia da família, defendida em 1994 (1998). Em 1992, Augusto Santos Silva defende a sua tese de doutoramento em sociologia da cultura, sobre as transformações da industrialização e da emigração em sociedades “pós-camponesas”, em particular São Torcato, Guimarães (1994). Tratam-se de dois trabalhos pioneiros no estudo de contextos de industrialização difusa, a norte do país.

*b) A indústria e o operariado como campo de pesquisa (desde os anos 1980)*

É também no Norte, zona de maior emigração, que se concentra sobretudo a indústria têxtil em Portugal, desde meados do século XIX. Embora nos países onde a implantação da indústria seguiu o seu desenvolvimento clássico, os processos de industrialização e urbanização se desenvolvam de forma paralela, nem sempre isso sucede, podendo haver, como refere João Peixoto, industrialização sem “urbanização” (1987). Nas regiões litorais do centro e norte de Portugal, o desenvolvimento (em lugares com maior população ativa na indústria) de formas de formas de urbanização difusa, envolvendo um número importante de centros de pequena dimensão de relativa extensão, levou ao desenvolvimento do que António Gama designa de “formas mistas de povoamento”, desafiando as convenções em torno da dicotomia rural-urbano (1992, 164).

Como vimos, o estudo da emigração e das classes sociais na zona norte de Portugal desenvolve-se inicialmente a partir do interesse pela sociedade rural e pela família e espaço doméstico. O estudo do movimento operário só entra nas preocupações dos cientistas sociais em Portugal a partir dos anos 1980, conforme nota Lopes Cordeiro, sendo algumas das principais contribuições publicadas na *Análise Social* e no *Boletim de Estudos Operários* (1982-1987) (que viria a fundir-se com a primeira), duas revistas do GIS (atual ICS)<sup>3</sup> (2013, 153). Na *Análise Social*, os primeiros artigos publicados sobre o Vale do Ave são de investigadores estrangeiros, ora no quadro de pesquisas mais amplas sobre a emigração portuguesa (Poinard 1983a, 1983b; Charbit, Hily, e Poinard 1997; Leeds 1984)<sup>4</sup>, ora centrados diretamente no Vale do Ave, em particular o concelho de Vila Nova de Famalicão (Ingerson 1981, 1984). Olhando para contextos então caracterizados como “semi-industrializados” e associados à presença de um “semi-proletariado”, a investigação de Alice Ingerson é precursora no estudo do operariado do Vale do Ave.

<sup>3</sup> Gabinete de Investigações Sociais, atual Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

<sup>4</sup> Embora se enquadrem em pesquisas mais amplas, estas pesquisas contemplam o contacto com industriais do norte de Portugal (M. Poinard) e emigrantes da zona de Braga e a zona de Caldas das Taipas (E. Leeds) – freguesia vizinha de S. João de Ponte –, onde predomina a cutelaria.

Apesar da sua importância, estes estudos não têm continuidade em Portugal. Aparte alguns relatórios da Comissão de Planeamento da Região Norte (mais tarde designada Comissão de Coordenação da Região Norte) (Magalhães 1984; CPRN 1973), é sobretudo a partir de meados dos anos 1980 e 1990 que se começa a estudar de forma mais sistemática o contexto industrial do Vale do Ave, a partir da geografia, história e sociologia na Universidade do Minho e do Porto. Em 1987, Lopes Cordeiro cria o Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, no quadro da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, e nesse âmbito são organizadas diferentes exposições (entre outras, Cordeiro 1992, 2008; Cordeiro e Teixeira 2017). Desde então, tem desenvolvido pesquisa e organizado exposições sobre o tema de forma continuada (entre outros, Cordeiro 1995, 1999, 2001). Em 1987 e 1995, a JNICT (atual FCT)<sup>5</sup> financia dois projetos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, “Os Espaços do Noroeste Português – Estudos de Base para o Ordenamento do Território” e “Estruturas socioeconómicas e industrialização no Norte de Portugal (sécs. XIX-XX)”, propostos respetivamente pelo Instituto de Geografia e o Centro de História, dos quais resultam vários artigos (Magalhães 1998; J. F. Alves e Lacerda 1995; J. F. Alves 1999a; J. Alves 1996; Marques 1988).

No campo da sociologia, Virgílio Borges Pereira defende em 1997 a sua tese de mestrado focada na “análise das vivências quotidianas” em Pevidém (Guimarães) (1999). Em torno do seu trabalho, surge uma nova geração de investigadores na área da sociologia das classes sociais no noroeste português (V. B. Pereira [coord.] 2012), onde as migrações têm vindo a ocupar mais recentemente um lugar central, sobretudo a migração pendular de trabalhadores da construção civil para Espanha (Pinto e Queirós 2010; Queirós e Monteiro 2016; B. Monteiro e Garba 2018; Pereira e Siblot 2019).

Em 2001, no âmbito de Porto Capital Europeia da Cultura, surge também o Centro de Documentação e Informação sobre o Movimento Operário e Popular do Porto, na Universidade Popular do Porto. O Centro resultou do desenvolvimento de dois projetos de pesquisa “Memórias do trabalho - testemunhos do Porto laboral no século XX” e “Para preservar e divulgar a memória do Porto - os Arquivos das Organizações de Trabalhadores” (UPP 2002b, 2000a, 2000b, 2002a), e daqui resultaram, entre outros, alguns estudos agregando contributos de diferentes áreas disciplinares (B. Monteiro e Correia 2011; B. Monteiro e Pereira 2014).

De uma forma geral, o olhar integrado para a indústria e a emigração no Vale do Ave permanece por desenvolver, ainda mais no setor têxtil e de uma perspetiva antropológica. Em termos de obras centradas na Companhia e no contexto específico de S. João de Ponte, foram desenvolvidas duas teses de Mestrado em História das Populações na Universidade do Minho (Salgado 1996, 1998; Sarmiento 1996, 1997) orientadas respetivamente por Maria Norberta Amorim e Jorge Alves Fernandes, e duas monografias dos párcos da freguesia entre 1897-1940 e 1941-1988 (Ribeiro 1940; Torres 1988). Sobre o contexto francês foram desenvolvidas uma tese de Mestrado em Geografia da Universidade de Lille, sobre a imigração portuguesa em Roubaix (Marrucho 1982); vários textos científicos sobre a imigração de operários têxteis de Guimarães e Covilhã na zona de Roubaix (Mota 2002, 2003, 2005, 2007), no âmbito de um DEA e Doutoramento (não concluído) em História na EHESS (França), sob orientação de Gerard Noiriel; uma tese de Doutoramento em Ciência Política na Universidade de Lille, que estuda de forma comparativa a emigração portuguesa em três regiões da Europa do Norte, entre elas Roubaix (França) (Ghemmaz 2008); uma tese de Mestrado em História na Universidade de Lisboa, sobre as associações de imigrantes portugueses em Lille-Roubaix-Tourcoing (Maceiras 2018); e um livro sobre Gérard Tiberghien e a história de *A Fiandeira* em Padim da Graça (Roussel 2018). Destacam-se também duas investigações que se debruçaram, total ou parcialmente, sobre a emigração portuguesa para antigas aldeias vitícolas da periferia de Clermont-Ferrand, onde é referida a origem de S. João de Ponte e Póvoa do Lanhoso (Barou 1997a, 1997b; Cardoso 2008). Finalmente, sobre a freguesia vizinha das Taipas, o trabalho de Poinard, já referido (Charbit, Hily,

---

<sup>5</sup>Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, atual Fundação para a Ciência e Tecnologia.

e Poinard 1997; Poinard 1983a, 1983b); e sobre a freguesia vizinha de Vila Nova de Sande, uma monografia escrita por um pároco do concelho (H. O. da Silva 2006).

## O Trabalho e as migrações na envolvente da *Companhia*

### a) *Caracterização de terreno*

A Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (Figs. 1 a 4) foi fundada em 1890 em Campelos, na margem do rio Ave, e inaugurada em 1893. A sua instalação esteve a cargo de James Lickfold, um técnico inglês que já tinha montado em 1873 a Fábrica de Fiação de Algodão do Bugio, no concelho de Fafe, e que desde então fixou residência em Campelos. A instalação da fábrica favoreceu fortemente o desenvolvimento do lugar, sobretudo com a migração interna de concelhos vizinhos, em particular Fafe, e a construção do bairro operário. Esta migração encontra-se muito presente, ainda hoje, na memória coletiva local, mesmo decorrido mais de um século. O seu traço mais visível é a forma como várias famílias são ainda conhecidas, localmente, pelo nome das freguesias de Fafe de onde vieram. Por exemplo “os Arões”, “os Picas”, “os Jogueiros”, “os de Armil”, “os da Senhora da Graça”, “os de Silvares de Fafe”, “os de Cepães”, bem como de outros concelhos, como “os de Felgueiras” ou “os de Celorico”. Algumas destas famílias concentram-se hoje na zona do antigo bairro operário. Num outro plano, a presença da família inglesa no lugar por várias gerações, e o estabelecimento de relações de trabalho, familiares e de vizinhança nesta freguesia, faz com que a fábrica seja referida ainda hoje, por muitos, como “a fábrica dos ingleses”.



Fig.1 - Etiqueta da Companhia de Fiação de Tecidos de Guimarães - Fábrica da Avenida (Guimarães) e Fábrica de Campelos (S. João de Ponte), sem data (Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).



Fig.2 - Expositor Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães na Exposição Industrial e Agrícola de 1923, na Escola Secundária Francisco de Holanda (Fonte: Coleção de Fotografia da Muralha – Reimaginar Guimarães).



Fig.3 - Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, em Campelos, anos 1940 ou anterior (Fonte: Reitor Francisco Ribeiro, *Paróquia de Sam João de Ponte*, 1940).





Fig.4 - Cristo Rei sobre a entrada da fábrica, em Campelos, anos 1940 ou anterior (Fonte: Reitor Francisco Ribeiro, *Paróquia de Sam João de Ponte*, 1940).

Segundo Conceição Salgado, até 1892 não havia indicação, nos Róis de Confessados, da existência de qualquer fogo; em 1893, ano de inauguração da fábrica, surgem 6 fogos; e até ao final do século ultrapassariam a centena (1998, 22). Pouco depois da sua fundação, a fábrica constrói em Campelos uma escola para os filhos dos operários, a Capela de S. José (inaugurada em 1910 e ampliada em 1949) (Torres 1988, 45–46; Ribeiro 1940, 18–19, 22–24) (Figs. 5 e 6), e duas centrais hidroelétricas em Ronfe (1913) e Campelos (1914) (Cordeiro e Costa 2014, 228). Em meados dos anos 1930 e 1940 (Fig. 7) a fábrica vive um período de expansão, durante a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial, e é criada também uma cooperativa (1933), uma creche (1934) e instalada luz elétrica nos bairros operários (1944) (Salgado 1998, 56). Com a inauguração da nova escola primária do Estado em 1939 (financiada por este, pela Câmara de Guimarães e pela fábrica) e a expansão populacional do lugar, a Capela de S. José é ampliada, sendo inaugurada em 1949 (Ribeiro 1940, 22) (Fig. 5). A fábrica tinha também um corpo de bombeiros voluntários (Fig. 8). Embora seja difícil de determinar ao certo o número de trabalhadores da fábrica, pela falta de fontes, interlocutores no terreno indicam que teria ultrapassado o milhar. Na *Monografia sobre a Indústria do linho no Distrito de Braga*, de 1913, Manuel Geraldês indica a existência de 484 operários a trabalhar na fábrica em Campelos (Salgado 1998, 24). Em 1940 seriam 897 (Ribeiro 1940, 32) e na sua fase final, com a transferência da unidade de Guimarães para Campelos, o número de trabalhadores ultrapassaria o milhar (Torres 1988, 231).

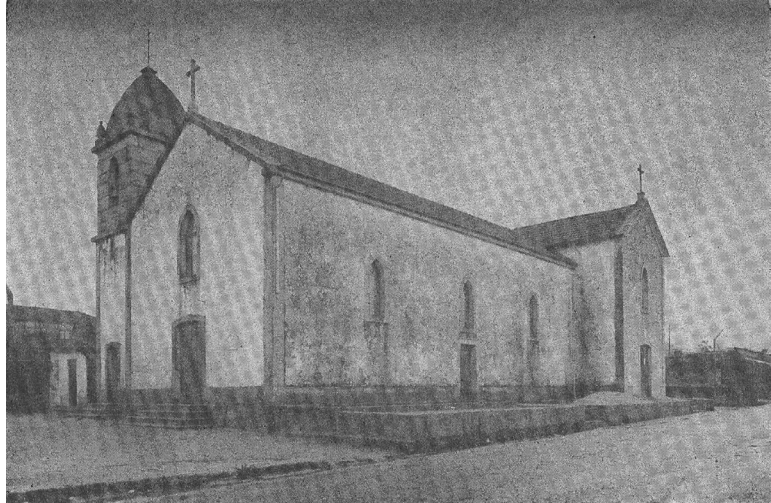


Fig.5 - A capela de S. José em Campelos, antes e depois da sua ampliação em 1949 (Fontes: Reitor Francisco Ribeiro, *Paróquia de Sam João de Ponte*, 1940; Pe. Joaquim Maciel Torres, *S. João de Ponte*, 1988).



Fig.6 - Cortejo de oferendas para angariação de fundos para aumento e restauro da Capela de S. José (Campelos - Ponte), em finais dos anos 1940. Fotografias de José Francisco Castelar Ferreira (Fonte: J. F. de Vila da Ponte, *Boletim de Informação. Vila da Ponte*, nº 15, p. 3; "Espólio Fotográfico da Vila de Ponte", disponível em <https://jfponte.pt/espolio-fotografico/> , <https://www.facebook.com/Vila-de-Ponte-Espolio-Fotografico-1559570534259066/>).



Fig.7 - Postal representando a direcção da Companhia em 1934. À época, seriam membros da direcção João Martins de Freitas, Gaspar Ferreira Paúl e Leopoldo Martins de Freitas (Salgado 1998; Ribeiro 1940) (Fonte: arquivo particular).



Fig.8 - Bombeiros da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, em 1946/47 (Fonte: J. F. de Vila da Ponte, *Boletim de Informação. Vila da Ponte*, nº 15, p. 3; "Vila de Ponte - Espólio fotográfico", disponível em <https://jfponte.pt/espolio-fotografico/>, <https://www.facebook.com/Vila-de-Ponte-Espolio-Fotografico-1559570534259066/>).

A concentração populacional existente favoreceu também uma forte dinâmica social e associativa no lugar, pelo que numa só rua existiram, entre outros, posto médico, escuteiros (1937), o Clube Operário de Campelos (1953), o Centro Recreativo e Cultural de Campelos (atual Centro Social) (1976), Grupo Coral Litúrgico de Campelos (1937), duas capelas (a de S. José e a do Sr. dos Aflitos, do séc. XVIII), para além de várias pequenas confeitarias e mercearias/cafés, que se constituíam como importantes espaços de sociabilidade.

A partir de 1956 a fábrica entra em crise, acabando por encerrar em 1968 (Salgado 1998, 27). Durante as décadas de 1960 e 70, no quadro da vaga de emigração portuguesa em direção a França, várias famílias oriundas de S. João de Ponte e das freguesias envolventes emigram em direção a Roubaix e Tourcoing, no norte de França, encontrando trabalho nas fábricas têxteis da região, num contexto de expansão económica em França associado aos designados “trinta gloriosos” (1945-1975) (Fig. 9). Em Roubaix, a industrialização conduziu a um aumento exponencial da população, de cerca de 8 mil pessoas em 1800 para mais de 124 mil habitantes em 1896 (David et al. 2006, 23). Belgas, polacos, italianos, espanhóis, portugueses, argelinos e marroquinos, instalam-se sucessivamente na zona, ficando Roubaix conhecida como “La ville aux mille cheminées”, e também “la ville aux cent nationalités” (La Voix du Nord 2014).



Fig.9 - Atuação única de um grupo de dança informal composto por emigrantes portugueses residentes em Roubaix-Tourcoing, oriundos maioritariamente do concelho de Guimarães, em 1966 na sala Wattremez, em Roubaix (Fonte: Angelina Fernandes, arquivo particular; *LusoJournal*, 23 abril 2019, <https://lusojournal.com/angelina-da-silva-fernandes-presidente-de-vivencias-do-minho-et-passionnee-de-folklore/>).

No contexto francês, entre as fábricas onde trabalharam vários portugueses oriundos do concelho de Guimarães contam-se, em Tourcoing, a Paul et Jean Tiberghien (PJT). Em 1974, perante a crise da indústria têxtil que se começa a instalar em França, a PJT instala uma fábrica em Padim da Graça (concelho de Braga), na margem do rio Cávado (Roussel 2018). A *Fiandeira* foi dirigida por Gérard Tiberghien, que chegou a organizar um torneio

entre os trabalhadores da fábrica em Padim da Graça e os trabalhadores portugueses da fábrica em Tourcoing (Roussell 2018, 43) (Fig. 10). Além da PJT, contam-se também, entre as fábricas onde trabalharam portugueses oriundos do concelho de Guimarães, a François Masurel Frères, a Sift, a Tossée, a Alphonse Six, em Tourcoing; e, em Roubaix, a Lainière, entre outras.



Fig.10 - Encontro entre as equipas de futebol da PJT da fiação da Rue d'Anvers (Tourcoing) e A *Fiandeira* (Padim da Graça) (Fonte: Roussell, "Sim nós podemos!"..., 2018, p. 43).

Em 1997 é assinada uma Carta de Amizade entre as cidades de Guimarães e Tourcoing, e Roubaix gemina-se com a Covilhã em 2000, os dois principais concelhos de origem dos emigrantes portugueses nesta região (Mota 2002)<sup>6</sup>. À época, era presidente da Câmara de Tourcoing Jean-Pierre Balduyck (1989-2008), que tinha sido delegado sindical da PJT entre 1965 e 1982. A ligação entre estas regiões têxteis reflete-se também no tecido associativo existente ainda hoje naquela região. A título de exemplo podem referir-se, em Roubaix, o Vimaransense Futebol Clube de Roubaix, a Casa do Futebol Clube do Porto de Roubaix, o Centre Culturel Sportif Miuzelenses Nord de France, o Covilhã Sporting Clube de Roubaix, a Associação Rosmaninhos da Serra da Estrela; e, em Tourcoing, a Casa do Benfica, a Associação Vivências do Minho ou o Grupo Etnográfico Minho Ave, entre outras.

Em 2004 e 2012, Lille e Guimarães constituem-se como Capitais Europeias da Cultura, representando um papel importante nos processos de regeneração urbana nos dois territórios, designadamente ao nível da reconversão de antigos espaços industriais. Ainda que historicamente marcadas pelo desenvolvimento da indústria têxtil e interligadas por processos de mobilidade, Guimarães e Lille apresentam-se, contudo, como dois contextos diferentes, com particularidades próprias no que concerne aos seus processos de (des)industrialização. Apesar da forte crise da indústria têxtil que se instalou no Vale do Ave a partir dos anos 1990, atualmente a indústria continua a ocupar em S. João de Ponte um lugar central na vida destas famílias e na atividade económica do concelho. O espaço da Companhia é ocupado, desde o seu encerramento, por uma outra fábrica de uma família industrial da região, e desde final dos anos 1970 a freguesia conta também com um novo parque industrial. Já em Roubaix e Tourcoing – onde o processo de desindustrialização foi anterior e mais extensivo – o elevado desemprego, as múltiplas vagas de imigração que marcaram longamente a história industrial da região, e os

<sup>6</sup> Embora estatisticamente os distritos de Braga e Castelo Branco sejam os mais representativos, imigraram para a zona de Lille pessoas de outras zonas de Portugal e que foram trabalhar noutros setores (em particular a construção civil). Reflexo disto, surgem também outras gemações em cidades vizinhas, sendo a Guarda geminada com a cidade vizinha de Wattrelos, e Aljustrel com Hem.

processos de patrimonialização de antigos espaços industriais e da habitação operária, marcam desde a década de 1980 a paisagem, vivências e políticas a nível local.

Além da emigração entre duas regiões têxteis – S. João de Ponte e Roubaix-Tourcoing –, o cruzamento com outros estudos (Barou 1997b, 1997a; Cardoso 2008) indiciam a existência de uma outra vaga de emigração de S. João de Ponte para a região de Clermont-Ferrand, possivelmente mais ligada às famílias camponesas. Por outro lado, nas Caldas das Taipas – freguesia vizinha, especializada na cutelaria – informantes no terreno e estudos realizados sobre este contexto referem Hamburgo (Alemanha) como destino migratório principal, sobretudo relacionado com o trabalho nos estaleiros navais (Charbit, Hily, e Poinard 1997, 26).

### *b) Trajetórias de vida*

Numa primeira abordagem de terreno, um aspeto que se destaca relaciona-se com a recorrência das migrações e do trabalho têxtil nas histórias de vida e de família dos informantes. Entre os antigos operários a fábrica apresenta-se, de uma forma geral, como uma realidade presente há várias gerações desde a sua instalação, ascendendo frequentemente aos avós. O trabalho na agricultura revela-se, por outro lado, como uma realidade algo distante para estas famílias. Já para as famílias camponesas era difícil, até aos anos 1960, arranjar trabalho nas fábricas. Isto deriva do acesso diferenciado a recursos escassos a nível local, como a terra e o dinheiro, por agricultores e operários, respetivamente, refletindo-se nos percursos profissionais de diferentes grupos socioeconómicos relevantes na zona.

Num levantamento de utentes que realizei no Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, em S. João de Ponte<sup>7</sup>, a maioria dos interlocutores trabalhou, durante a maior parte da sua vida ativa, num mesmo setor, frequentemente na mesma atividade dos pais, algo que é sublinhado particularmente por pessoas oriundas de famílias de lavradores. Neste sentido, a dupla jornada de trabalho (na agricultura e na fábrica) surge particularmente entre famílias de agricultores para acesso a um salário; sobretudo depois da vaga de emigração dos anos 1960. Entre os antigos operários, a articulação com outros setores de atividade parece surgir sobretudo no início e final dos seus percursos profissionais, e associada muitas vezes ao espaço doméstico, seja no trabalho ao domicílio (nas limpezas por exemplo) ou em pequenas confeções, no caso das operárias. Já no caso das mulheres cuja atividade principal foi o trabalho ao domicílio, o trabalho noutros setores (como a agricultura ou a indústria) ao longo da vida parece pouco frequente.

O caso do comércio parece surgir, a este nível, como uma exceção, sendo menos frequente estas pessoas saírem de casa para trabalhar noutros setores, mesmo no início da sua vida profissional. Neste caso, parece ser mais recorrente a acumulação com pequenos trabalhos a partir do espaço doméstico, que possam ser conciliados com a atividade comercial, frequentemente no piso térreo da casa. Os comerciantes ou “vendeiros”, conforme referido localmente, são vistos por alguns informantes como as pessoas que viviam melhor, não só pela disponibilidade e acesso a comida e dinheiro, mas também, por vezes, pelo maior acesso à educação dos filhos.

O início da vida ativa parece variar consoante o setor de atividade principal da família e o nível de estudos, sendo de uma forma geral mais precoce entre as famílias agrícolas, após o ensino primário entre famílias operárias, e por vezes mais tardiamente entre famílias de comerciantes. Contudo, a idade e o espaço doméstico permitem, frequentemente, o alargamento dos limites da idade legal de trabalho, alargando o rendimento familiar.

---

<sup>7</sup> Este levantamento de utentes foi realizado em janeiro de 2018, tendo sido possível contactar 15 dos 22 utentes do Centro de Dia à data do inquérito, maioritariamente residentes na freguesia de S. João de Ponte (9, dos quais 6 em Campelos) ou em freguesias vizinhas. Trata-se, quase na totalidade, de pessoas do sexo feminino (14 pessoas), com idades compreendidas, à data, entre 68 e 89 anos, maioritariamente naturais de S. João de Ponte ou de freguesias vizinhas (11 pessoas), sendo os restantes de outras freguesias do concelho. Dos 15 utentes inquiridos, 6 tiveram como atividade principal a indústria têxtil e/ou confeção, 5 a agricultura e 4 os serviços (2 no comércio e 2 empregadas ao domicílio ou na restauração). Este levantamento foi alvo de uma primeira análise num texto anterior, onde foi apresentado de forma mais desenvolvida (Rei 2020, ver também Rei 2018).

Em relação aos destinos migratórios, entre os antigos operários a mobilidade parece realizar-se da freguesia de origem diretamente para o estrangeiro. Entre os operários homens, integrar o clube de futebol da fábrica surge, por vezes, como forma de adiar ou mesmo evitar a emigração. Já a mobilidade interna, para outros distritos do país, surge associada sobretudo ao trabalho de “servir”. E a mobilidade dentro do concelho de Guimarães ou concelhos limítrofes surge ligada à agricultura, em particular o trabalho em “quintas”.

Nas histórias de família, estes trajetos profissionais e migratórios vão-se cruzando, podendo o homem trabalhar, por exemplo, mais nas cutelarias e a mulher no têxtil, em freguesias vizinhas (Charbit, Hily, e Poinard 1997, 24). Também surgem casos de imigrantes portugueses residentes em Roubaix cujo primeiro destino foi a zona de Clermont-Ferrand, e daqui para Roubaix.

## Considerações Finais

Uma fábrica constitui-se como um fortíssimo polo social. Em *O Rasto da Draga*, um livro centrado num conflito socioambiental numa aldeia da Beira Baixa, Pedro Gabriel Silva fala-nos da ação de uma draga que, ao longo de várias décadas, revolveu o solo arável da região em busca de minério, deixando atrás de si um rasto de rochas e areias estéreis (P. G. Silva 2013, 197). Da mesma forma, a implantação da indústria têxtil no Vale do Ave também deixou traços visíveis, por exemplo ao nível demográfico, impulsionando a fixação e reprodução de grupos humanos, bem como a sua deslocação e/ou envelhecimento, num movimento rítmico marcado pela necessidade de mão-de-obra e que acompanha as crises do cíclicas do setor. Numa região onde o processo de industrialização não seguiu o modelo clássico, estas transformações traduzem-se ainda num processo de urbanização difusa, desafiando as convenções em torno da dicotomia rural-urbano.

Em contextos onde o trabalho na agricultura marcou longamente as relações sociais a nível local, encontramos, como nas freguesias estudadas por Karin Wall em Vila Nova de Famalicão, uma estrutura social complexa e fortemente hierarquizada, marcada por desigualdades sociais e relações de interdependência fortes (Wall 1998). No contexto em estudo, isto parece refletir-se numa forte especialização do trabalho em setores de atividade distintos (agricultura, têxtil, cutelaria) num espaço geográfico bastante reduzido (entre lugares da freguesia de S. João de Ponte e nas freguesias vizinhas), e em fluxos migratórios próprios. Esta especialização ao nível do trabalho e das migrações cruza-se, contudo, nas redes familiares, que se revela densa, assumindo um papel central na organização dos percursos profissionais e migratórios destes antigos operários.

Entre os diferentes grupos profissionais relevantes a nível local (agricultura, comércio, indústria, serviço doméstico), identifica-se também uma aspiração comum, relacionada com o acesso a um salário e uma “vida melhor”. Tal como o senhor João no livro *O Futuro é Para Sempre* de Paula Godinho – que insiste em plantar castanheiros sabendo, contudo, pela sua idade avançada, que não viria a provar os seus frutos –, mesmo quando falamos do passado, ou a vida nos impele a todo o momento a “fazer pela vida” e a cumprir as necessidades imediatas, é sempre para o futuro que trabalhamos (2017a, 18-19).

*Nota de agradecimento* – embora se trate de uma pesquisa em curso, que aqui se apresenta apenas de forma muito inicial, não posso deixar de agradecer a todos(as) quantos(as) têm contribuído para esta pesquisa, orientadores e colegas, instituições e entidade financiadora, família e amigos e, muito especialmente, às pessoas no terreno que comigo têm partilhado as suas memórias, que constituem a base deste trabalho. Devo também um agradecimento especial aos amigos que simpaticamente me acolheram em suas casas, tanto em Lisboa como durante a pesquisa de terreno em Famalicão-Guimarães e em Roubaix-Tourcoing, e aos orientadores e colegas, que ao longo desta caminhada têm partilhado comigo o seu conhecimento e acolhido as minhas dúvidas.



## Referências bibliográficas

- Almeida, João Ferreira de. 1980. «“Quem faz o arraial é o povo”: mudança social e mudança cultural». *Análise Social* XVI (64): 679–98.
- . 1986. *Classes Sociais nos Campos. Camponeses parciais numa região do noroeste*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Alves, Jorge Fernandes. 1996. «Fundação Narciso Ferreira : indústria e obra social na têxtil nortenha». *O Tripeiro*, 7ª série, XV (8): 242–48.
- . 1999a. «Uma nebulosa a noroeste : a indústria algodoeira». *Ler História*, n. 36: 83–123.
- Alves, Jorge Fernandes, e Silvestre Lacerda. 1995. «Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela: as origens». *O Tripeiro*, 7ª série, n. 1–3: 41–46, 84–88.
- Amorim, Maria Norberta, e António Amaro das Neves. 1998. «Identificação do NEPS (Núcleo de Estudos da População e Sociedade de Universidade do Minho): apresentação». *Revista de Demografia Histórica* 16 (1): 13–20.
- Baía, João. 2016. «Problemáticas e terrenos na história da antropologia portuguesa: emigração e Trás-os-Montes». apresentado na VI Congresso APA, Coimbra, Maio 3. <http://vicongresso.apantropologia.org/programa/resumos/>.
- Barou, Jacques. 1997a. «En Auvergne, une immigration portugaise en milieu rural». *Hommes & Migrations* 1210 (1): 43–59.
- . 1997b. «Un cas d'appropriation durable de l'espace rural par une population étrangère: les immigrés portugais dans les villages de la périphérie». Em *Nouveaux usages de la campagne et patrimoine: Trois cas de emploi du patrimoine rural chez des migrants anglais, italiens, portugais. Rapport de fin de recherche*, editado por Jacques Barou, Adelinda Miranda, e Patrick Prado. Rapport n° 125. CNRS / Ministère de la Culture - Mission du Patrimoine Ethnologique.
- Brandão, Maria de Fátima. 1991. «O mercado na comunidade rural: propriedade, herança e família no Norte de Portugal, 1800-1900». *Análise Social* XXVI (112–113): 613–28.
- . 1994. *Terra, herança e família no noroeste de Portugal: o caso de Mosteiro no século XIX*. Biblioteca das Ciências do Homem / História 6. Porto: Ed. Afrontamento.
- Brandão, Maria de Fátima, e Rui Graça Feijó. 1984. «Entre textos e contextos: os estudos de comunidade e as suas fontes históricas». *Análise Social* XX (83): 489–503.
- Brandão, Maria de Fátima, e Robert Rowland. 1980. «História da propriedade e comunidade rural: questões de método». *Análise Social* XVI (61–61): 173–207.
- Brettell, Caroline. 1989. «Changing family patterns in Northwestern Portugal». *Recherches en anthropologie au Portugal* 1 (1): 1–2.
- . 1990. «1) 4e rencontre de l'International Conference Group on Portugal, 21/24 septembre 1989, Durham, New Hampshire. Séance: “La famille portugaise au passé et au présent”». *Recherches en anthropologie au Portugal* 2 (1): 25–27.
- . 1991. *Homens que partem, mulheres que esperam: consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Dom Quixote.
- Brettell, Caroline, e Rui Feijó. 1991. «Foundlings in Nineteenth Century Northwestern Portugal : Public Welfare and Family Strategies». *Publications de l'École Française de Rome* 140 (1): 273–300.
- Brito, Joaquim Pais de. 1996. *Retrato de aldeia com espelho: ensaio sobre Rio de Onor*. 1a. ed. Coleção Portugal de Perto

## 34. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Brito, Joaquim Pais de, Fernando Oliveira Batista, e Benjamin Pereira, eds. 1996. *O Voo do Arado*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura.

Cabral, Manuel Villaverde. 2000. «Classes Sociais em Portugal, 1930-1970». Em *Dicionário de História de Portugal*, editado por António Barreto e Maria Filomena Mónica, 328–37. Porto: Livraria Figueirinhas.

Callier-Boisvert, Colette. 1999. *Soajo, entre migrations et mémoire: études sur une société agro-pastorale à l'identité rénovée*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cardoso, Isabel Lopes. 2008. «Imaginário e história das casas dos “portugueses de França”». Dissertação de Doutoramento em História da Arte - Especialidade de História da Arte Contemporânea, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Charbit, Yves, Marie-Antoinette Hily, e Michel Poinard. 1997. *Le va-et-vient identitaire: migrants portugais et villages d'origine*. Paris: Presses Univ. de France.

Cordeiro, José Manuel Lopes. 1992. *Património Industrial do Vale do Ave*. Vila Nova de Famalicão: Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave / Câmara Municipal de V. N. de Famalicão.

———. 1995. «Indústria e paisagem na bacia do Ave». *Cadernos do Noroeste* 2: 47–68.

———. 1999. *Um século de indústria no Norte, 1834-1933: o génio dos engenhos: exposição de arqueologia industrial, Europarque 27 Março a 18 Abril de 1999*. Porto: Associação Industrial Portuense.

———. 2001. «Indústria e energia na Bacia do Ave (1845-1959)». *Cadernos do Noroeste, História*, 15 (1–2): 57–174.

———. 2008. *A indústria do linho na Bacia do Ave. A Empresa Fabril do Norte e a Central de Maceração da Trofa*. V. N. de Famalicão: Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave / Câmara Municipal de V. N. de Famalicão.

———. 2013. «As lutas dos operários têxteis da Bacia do Ave, 1956-1974, e algumas questões da história do movimento operário». *Ubimuseum - Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, n. 2: 153–73.

Cordeiro, José Manuel Lopes, e Francisco da Silva Costa. 2014. «A primeira geração de centrais hidroeléctricas ao serviço da indústria na Bacia do Ave (Portugal): Um património a conhecer e a valorizar». Em *Actas do II Congresso Internacional sobre Património Industrial*, editado por Eduardo Vieira e José Manuel Lopes Cordeiro. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Associação Portuguesa para o Património Industrial.

Cordeiro, José Manuel Lopes, e Mariana Jacob Teixeira. 2017. *FICC, Francisco Inácio da Cunha Guimarães (1864-1947): um pioneiro da indústria têxtil na Bacia do Ave*. Editado por José Manuel Lopes Cordeiro. Câmara Municipal de V. N. de Famalicão / Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave. V. N. de Famalicão.

CPRN. 1973. «Situação Profissional e Familiar das Operárias do Concelho de Guimarães». Série Estudos regionais. Porto: Comissão de Planeamento da Região do Norte.

David, Michel, Bruno Duriez, Rémi Lefebvre, e Georges Voix, eds. 2006. *Roubaix: cinquante ans de transformations urbaines et de mutations sociales*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.

Feijó, Rui, e João Arriscado Nunes. 1986. «Continuidade e mudança: o Minho em Perspectiva Histórico-Sociológica». *Cadernos do Noroeste* 1 (1): 9–19.

Gama, António. 1992. «Urbanização Difusa e Territorialidade Local». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 34: 161–72.

Ghemmaz, Malika. 2008. «Des Portugais en Europe du Nord: une comparaison France, Belgique, Luxembourg. Contribution à une sociologie électorale de la citoyenneté de l'Union européenne.» Dissertação de Doutoramento, Lille: Université de Lille II.

Godinho, Paula. 2006. *O Leito e as Margens. Estratégias familiares de renovação e situações liminares em seis aldeias do Alto Trás-os-Montes raiano (1880-1988)*. Lisboa: Edições Colibri.

———. 2017a. *O futuro é para sempre: experiência, expectativa e práticas possíveis*. 1a edição. Através de nós. Lisboa,

Santiago de Compostela: Letra Livre, Através Editora.

———. 2017b. «Travail, migrations et frontière au nord du Portugal/Galice : de la coopération agricole aux changements actuels». *Cahiers de l'Urmis*, n. 17.

Goldey, Patrícia. 1981. «Emigração e estrutura familiar. Estudo de um caso no Minho». *Estudos Contemporâneos* 2-3: 118-28.

———. 1983a. «Migração e relações de produção: a terra e o trabalho numa aldeia do Minho: 1876-1976». *Análise Social* XIX (77-78-79): 987-93.

———. 1983b. «The Good Death: Personal Salvation and Community Identity». Em *Death In Portugal: Studies in Portuguese Anthropology and Modern History*, editado por Rui Feijó, Hermínio Martins, e João de Pina Cabral, 1-16. Oxford: Journal of the Anthropological Society of Oxford (JASO).

Ingerson, Alice. 1981. «Classes e consciência de classe em Vila Nova de Famalicão». *Análise Social* XVII (3.º - (67-68): 863-884.

———. 1984. «Corporatism and Class Consciousness in Northwestern Portugal». The Johns Hopkins University.

La Voix du Nord. 2014. «Ces sept classements où Roubaix caracoleraient en tête». *La Voix du Nord*, 31 de Janeiro de 2014. <https://www.lavoixdunord.fr/archive/recup/region/ces-sept-classements-ou-roubaix-caracoleraient-en-tete-ia24b58797n1884497>.

Leeds, Elizabeth. 1984. «Labor export, development and the state. The political economy of portuguese emigration». Dissertação de Doutoramento, Department of Political Science, Massachusetts Institute of Technology.

Maceiras, Sabrina Monteiro. 2018. «Les associations d'immigrants portugais dans le département du Nord de la France (59) : enquête et observations (des années soixante à nos jours)». Mestrado em História - especialização em História Moderna e Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Magalhães, Maria Madalena Allegro. 1984. «Estudos sobre o Vale do Ave : a pluriactividade no Vale do Ave». Porto: Comissão de Coordenação da Região do Norte - Ministério da Administração Interna.

———. 1998. «O Porto na divisão internacional do trabalho : a indústria têxtil». Em *A Indústria Portuense em Perspectiva Histórica: actas do colóquio, 1997*, 407-19. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro Leonardo Coimbra.

Marques, Teresa Sá. 1988. «Sistema Produtivo Industrial e Território um estudo da Têxtil em Guimarães». *Revista da Faculdade de Letras. Geografia*, Série I, Vol-IV: 55-109.

Marrucho, António. 1982. «L'immigration portugaise dans la ville de Roubaix». Tese de Mestrado, Lille: Université des Sciences et Techniques de Lille - U.E.R. de Géographie et d'Aménagement Spatial.

Martins, Hermínio. 1998. «As classes subordinadas e a emigração». Em *Classe, status e poder e outros ensaios sobre o Portugal contemporâneo*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Monteiro, Bruno, e Sílvia Correia, eds. 2011. «Ouvi Dizer Popular?»: *O Uso da História Oral nos Estudos sobre as Classes Populares em Portugal*. Porto: Universidade Popular do Porto.

Monteiro, Bruno, e Faisal Garba, eds. 2018. *Masons and Maids. Class, Gender and Ethnicity in Migrant Experiences*. SSIM Paper Series 18. Veneza: SSIIM UNESCO Chair.

Monteiro, Bruno, e Joana Dias Pereira, eds. 2013. *De Pé Sobre a Terra. Estudos Sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal*. Lisboa, Porto: Instituto de História Contemporânea UNL, Instituto de Sociologia UP e Universidade Popular do Porto.

Monteiro, Miguel. 2000. *Migrantes, emigrantes e «brasileiros» de Fafe, 1834-1926 : territórios, itinerários e trajectórias*. Fafe: NEPS - Universidade do Minho.

Mota, Miguel da. 2002. «Les Portugais de Guimarães et de Covilhã dans l'arrondissement de Lille ou deux vagues d'arrivées bien distinctes que l'on peut opposer du fait d'insertions dans la société française très contrastées». *Actes de l'Histoire de l'Immigraton 2*.

———. 2003. «Les Portugais de Guimarães et de Covilhã dans l'arrondissement de Lille depuis 1917». Em *Les Portugais et le Portugal en France au XXe siècle: Actes de la rencontre organisée par le groupe EPOCA à la BDIC, le 8 décembre 2001*, editado por Groupe de recherche EPOCA (Paris). Nanterre: Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine.

———. 2005. «Les ouvriers textiles portugais de Roubaix , un contexte local et un groupe social d ' origine politisés». *Actes de l'Histoire de l'Immigraton*. <http://barthes.enssib.fr/cliio/revues/AHI/articles/preprints/damotta.pdf>.

———. 2007. «Les immigrés portugais de l'entre-deux-guerres en France et dans le département du Nord». Em *Les étrangers en France et l'héritage colonial: processus historiques et identitaires*, editado por Hédi Saïdi. Compétences interculturelles. Paris: Harmattan.

O'Neill, Brian Juan. 1984. *Proprietários, lavradores e jornaleiros: desigualdade social numa aldeia transmontana, 1870-1978*. Coleção Portugal de Perto. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Peixoto, João. 1987. «O Crescimento da População Urbana e a Industrialização em Portugal». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 22: 101–13.

Pereira, Virgílio Borges. 1999. *Os vincados padrões do tecido social: uma análise das vivências quotidianas de uma freguesia industrializada do Vale do Ave*. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento.

———, ed. 2012. *Ao cair do pano: sobre a formação da vida quotidiana num contexto (des)industrializado do Vale do Avo*. Porto: Afrontamento.

Pereira, Virgílio Borges, e Yasmine Siblot. 2019. *Classes sociales et politique au Portugal. Pratiques du métier de sociologue*. coll. « Champ social ». Vulaines-sur-Seine: Editions du Croquant.

Pina Cabral, João de. 1989. *Filhos de Adão, filhas de Eva: a visão do mundo camponesa do Alto Minho*. Lisboa: Dom Quixote.

———. 1993. «A lei e a paternidade: as leis de filiação portuguesas vistas à luz da antropologia social». *Análise Social* 28 (123/124): 975–97.

———. 2018. «Capítulo I. A antropologia em Portugal hoje». Em *Os Contextos da Antropologia*, 11–41. Antropologia. Lisboa: Etnográfica Press. <http://books.openedition.org/etnograficapress/734>.

Pina Cabral, João de, Rui Graça Feijó, João Arriscado Nunes, Margarida Coelho, e Ana Maria Gonçalves. 1987. «A casa do Noroeste — introdução e comentários a um encontro pluridisciplinar». *Análise Social* XXIII (95): 151–63.

Pinto, José Madureira. 1985. *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos: elementos de teoria e de pesquisa empírica*. Porto: Afrontamento.

Pinto, José Madureira, e João Ferreira de Almeida. 1980. *Estruturas agrárias e migrações no Noroeste português: a freguesia de Fonte Arcada*. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais.

Pinto, José Madureira, e João Queirós, eds. 2010. *Ir e voltar: sociologia de uma colectividade local do noroeste português (1977-2007)*. Biblioteca das Ciências Sociais. Sociologia, Epistemologia 75. Porto: Edições Afrontamento.

Poinard, Michel. 1983a. «Emigrantes portugueses: o regresso». *Análise Social* XIX (75): 29–56.

———. 1983b. «Emigrantes retornados de França: a reinserção na sociedade portuguesa». *Análise Social* XIX (76): 261–96.

Queirós, João, e Bruno Monteiro. 2016. *Trabalhos em curso: etnografia de operários portugueses da construção civil em Espanha*. Lisboa: Deriva e Le Monde Diplomatique - Edição Portuguesa.

Rei, Mariana. no prelo. «(E)migrar para “melhorar a vida” num contexto industrializado do Vale do Ave. Algumas pistas para reflexão.» Em *Memória, Cultura e Devir - Olhares ibero-americanos*, editado por Paula Godinho, Dulce Simões, e Maria Alice Samara. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea.

———. 2018. «Classes, património, (i)mobilidades. Notas sobre uma pesquisa em curso no Vale do Ave (Portugal)». Em *Conference proceedings / Anais: 18th IUAES World Congress / 18º Congresso Mundial de Antropologia*, editado por Miriam P. Grossi, Simone Lira da Silva, Ivi Porfirio, Caroline A. Vale dos Santos, Gabriel D. L. Zamora, Gabriela A. Tertuliano, Maria L. Scheren, e Filipe T. Calueio, 3:4281–90. Florianópolis: Tribo da Ilha. [https://www.pt.uaes2018.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=766](https://www.pt.uaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=766).

Ribeiro, Francisco José (reitor). 1940. *Paróquia de São João de Ponte*.

Roussel, Jean-François. 2018. “*Sim, nós podemos!*”, «*On peut y arriver!*». *L’aventure d’une entreprise textile au Portugal Le pari de Gérard Tiberghien, patron social du Nord de la France*. St Ouen: Les Editions du Net.

Salgado, Maria da Conceição. 1996. «Indústria Têxtil e População no Limiar do Séc. XX - O Caso de S. João de Ponte». Em *2º Congresso Histórico de Guimarães / D. Afonso Henriques e a sua Época*, 7:177–95. História Local II - 2º Sec.: População e Sociedade. Evolução de comportamentos (séculos XVI a XX).

———. 1998. «Uma indústria moderna numa comunidade rural: aspectos demográficos e sócio-culturais: o caso de S. João de Ponte (séculos XVIII a XX)». Dissertação de Mestrado em História das Populações, Guimarães: Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho.

Sarmiento, Carmem de Moraes. 1996. «A emigração familiar para o Brasil (Concelho de Guimarães: 1890-1914)». Em *2º Congresso Histórico de Guimarães, Actas do Congresso*, 7:619–45. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

———. 1997. «Emigração familiar para o Brasil. Concelho de Guimarães, 1890-1914: uma perspectiva microanalítica». Dissertação de Mestrado em História das Populações, Guimarães: Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho.

Silva, Augusto Santos. 1994. *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto: Edições Afrontamento.

Silva, Hilário Oliveira da. 2006. *Monografia de Vila Nova de Sande*. Guimarães.

Silva, Pedro Gabriel. 2013. *No rasto da draga: exploração mineira e protesto popular numa aldeia da Beira Baixa, 1912-1980*. Castro Verde: 100Luz.

Sobral, José Manuel. 2007. «O Outro aqui tão próximo: Jorge Dias e a redescoberta de Portugal pela antropologia portuguesa (anos 70-80 do século XX)». *Revista de História das Ideias* 28: 479–526.

Torres, Joaquim A. Maciel R. 1988. *S. João de Ponte. Notas históricas e comentários*. Guimarães.

UPP. 2000a. «“Memórias do trabalho – testemunhos do Porto laboral no século XX”. Candidatura de projecto à Porto 2001 SA, Capital da Cultura». Porto: Universidade Popular do Porto.

———. 2000b. «Para Preservar e Divulgar a Memória do Porto - Os Arquivos das Organizações Populares. Candidatura de projecto à Porto 2001 SA, Capital da Cultura». Porto: Universidade Popular do Porto.

———. 2002a. «Para preservar e divulgar a memória do Porto – os arquivos das organizações de trabalhadores. Relatório de execução». Porto: Universidade Popular do Porto.

———. 2002b. «Memórias do trabalho - Testemunhos do porto laboral no século XX. Relatório de execução». Porto: Universidade Popular do Porto.

Wall, Karin. 1998. *Famílias no Campo: Passado e presente em duas freguesias no Baixo Minho*. Lisboa: Dom Quixote.